

Do teatro particular ao público

BERTHA PAPPENHEIM
Blucher, 2024

resenha por
NOEMI JAFFE



O LEGADO DE BERTHA PAPPENHEIM

Etimologicamente, “histeria” significa útero, pois a doença, no final do século XIX, costumava ser associada a uma neurose tipicamente feminina. Não sei se, nas definições originais dessa patologia pela psicanálise então nascente, havia alguma referência a possíveis opressões sofridas pelas mulheres acometidas de histeria ou algum questionamento sobre patriarcado. Mas uma pergunta que cabe fazer, pensando retrospectivamente, é: por que essa doença era considerada feminina? E por que, sendo feminina, não se buscavam as justificativas culturais, sociais e econômicas que pudessem ajudar a compreendê-la e tratá-la?

Anna O. é um nome que está na origem do tratamento da histeria. Seu caso, descrito minuciosamente por Josef Breuer, se destacava pelos sintomas apresentados — paralisia de membros, gritos e espasmos, súbito desconhecimento da própria língua, agitação violenta e outros — mas principalmente pela vitalidade intelectual da paciente, pela expressividade de seu olhar e pelos conteúdos brilhantes de suas falas. Mas cabe ao leitor atual se questionar se o fato de Anna ser da alta burguesia austríaca, de ter sido criada para se casar “bem”, de ter cuidado de seu pai enfermo durante muitos anos, de ter sido criada — como qualquer menina de sua classe e época — para o silêncio obediente e a submissão, não contribuiu fortemente para o surgimento da histeria. Cabe,

na verdade, questionar se a consensual “femilidade” da patologia não era cercada de um machismo velado e ele mesmo reprimido.

A história de Anna O., entretanto, bem mais conhecida por ter sido tratada por Breuer e Freud do que pela sequência de sua vida, merece muito mais do que o episódio que a consagrou para a psicanálise. Ela mesma deve ter intuído tudo o que se ocultava por trás de sua neurose e renasceu, anos mais tarde, como Bertha Pappenheim (seu nome verdadeiro), uma mulher incansável, forte e feminista, em contraste com a figura frágil e vulnerável que dela se conhecia.

A cura pela fala, que teve início ainda no século XIX e em que Anna O., como uma espécie de Sherazade, criava contos de fadas que diminuía os efeitos da histeria e que a ajudaram a se curar e permitiram que Breuer desenvolvesse seus métodos terapêuticos, continuou também durante a vida posterior de Bertha Pappenheim. Foi falando, inventando narrativas, peças de teatro, discursos e conversando com mulheres de todas as classes e origens, que ela reinventou a própria história e transformou a de tantas outras. Imaginar mundos pode parecer uma fuga, mas, na realidade, é um caminho para o reconhecimento de si e do outro e para o enfrentamento do que parece insolúvel.

O livro *Do teatro particular ao público*, lançado pela editora Blucher, reúne uma série de textos de Bertha Pappenheim publicados pela

primeira vez no Brasil. Traduzidos pela psicanalista Julia Fatio Vasconcelos, o livro compõe a série “Pequena biblioteca invulgar” organizada pelo psicanalista e tradutor Paulo Sérgio de Souza Jr. Nos textos da autora, que constam nesse volume, pode-se reconhecer elementos arquetípicos dos contos de fada tradicionais, como padrastos cruéis, uma casa nas montanhas, magias, transformações súbitas na natureza, casais felizes para sempre, grandes obstáculos a serem transpostos. Entretanto, o uso desses elementos, tradicionalmente relacionados à imposição do medo para crianças desobedientes, no caso de Bertha exerce a função oposta: a de conscientizar mulheres e meninas para sua condição submissa e ajudá-las a compreender que quase não há adversidades que não possam ser superadas pela perseverança e pela confiança em si mesmas. O que parece ingênuo — o discurso típico das histórias infantis —, na realidade tem a inteligência das parábolas que estimulam o pensamento autônomo e transformador. Mas além dessas histórias alegóricas, a leitora vai também encontrar textos mais incisivos, como discursos e peças de teatro, em que personagens mais explicitamente oprimidas encontram formas de expor suas falas libertárias:

É por isso, exatamente por isso, porque não queremos mais suportar essa vergonha e essa injustiça, que temos que ver isso mudar. Mas como não temos a quem recorrer, precisamos

ajudar a nós mesmas. Uma sozinha, naturalmente, não pode fazer nada, vinte também não podem, nem mesmo as operárias de uma fábrica ou de uma cidade. Precisa começar de uma só vez, em toda parte, no mundo inteiro, na Inglaterra, na Suíça, aqui e em Berlim, e provar para os senhores industriais que, sem nós, eles não são nada e não conseguem nada — que eles vão para o fundo do poço se não quisermos mais trabalhar para eles.

Pode-se dizer que Bertha Pappenheim era uma espécie de transformadora: transformava palavras em cura e libertação; transformava a dor em histórias; transformava mulheres oprimidas e vulneráveis em mulheres fortes e conscientes. Seus “pequenos atos sagrados”, como ela mesma chamava, combinavam fé e política de formas inesperadas e originais: Bertha era fortemente antissionista, embora profundamente judia e judaica; era afetuosa e compassiva, mas sua militância era de uma fúria apaixonada e ela rezava para que essa ira não a abandonasse.

Melinda Guttman, autora do prefácio, abre o livro com a epígrafe “É preciso estar pronta para o tempo e a eternidade”, duas formas distintas de se viver o tempo, as duas plenamente vividas por Bertha. Pode-se interpretar o “tempo” como a marca do cotidiano, das experiências fugazes e geralmente difíceis que cada pessoa enfrenta ao longo de sua vida. Como nos mostra o livro, Bertha não somente viveu seu

tempo, como contribuiu ativamente para que milhares de outras mulheres judias pudessem também se libertar de suas prisões e conhecer a revolta e o prazer de serem mulheres, judias e independentes. Mas Bertha também viveu o tempo em sua dimensão eterna, pois, além de manter a fé — na sua forma heterodoxa — também se mantém na memória dos que a conheceram e das inúmeras mulheres que, até hoje, recebem seu legado.

Em sua morte, em 1936, aos 78 anos, foi elogiada por seu amigo sionista de longa data, Martin Buber, que justamente lembrou de sua personalidade simultaneamente carregada de empatia e de um “ódio cálido”. Contraditória, pioneira, apaixonada e apaixonante, nunca é tarde para que cada mulher — judia ou não — relembre o legado dessa mulher de vanguarda que, de histórica oprimida, transformou-se em porta-bandeira das liberdades femininas. ■

Noemi Jaffe é escritora, professora de literatura e escrita literária. Autora de inúmeros livros, dentre os mais recentes, destacam-se: *Lili: Novela de um luto* (2021), *Escrita em movimento: sete princípios do fazer literário* (2023), *Te dou minha palavra* (2025) todos pela Companhia das Letras. Dirige o Centro Cultural Literário Escrevedeira, em parceria com Luciana Gerbovic e João Bandeira. contato@noemijaffe.com.br

DOI 10.5935/0101-3106.V47N80.20